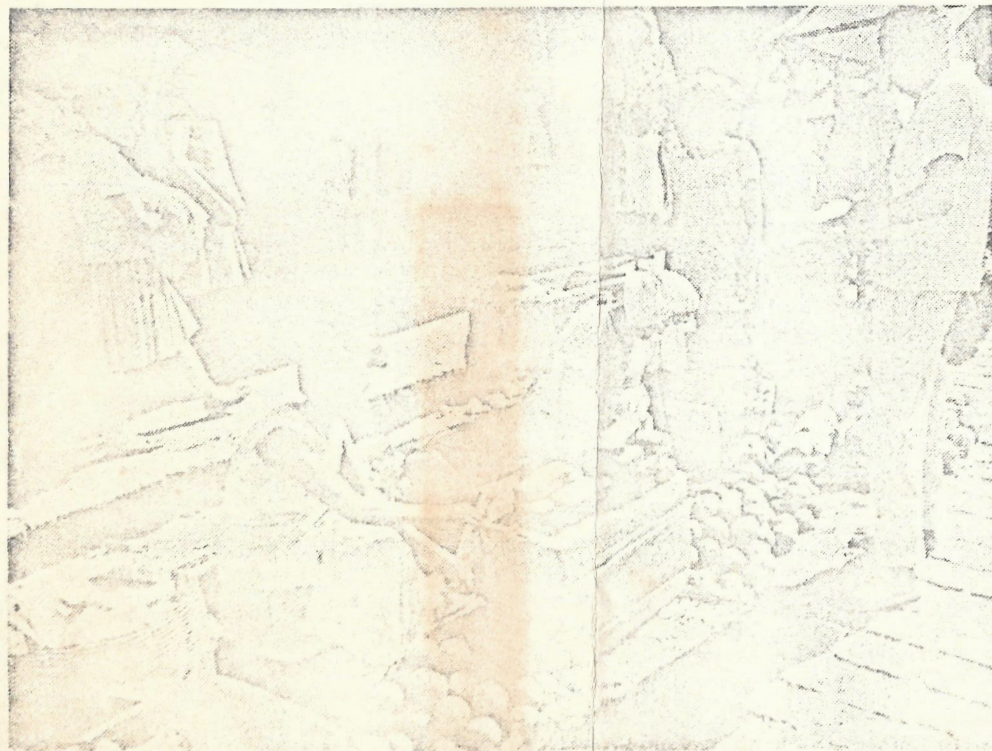


# O DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO VISTO POR THOMAS FARKAS

Já foram exibidos no Rio — em sessões especiais a maioria deles — nove filmes produzidos por Thomas Farkas dentro da série O Nordeste. Amanhã na Cinemateca do MAM serão exibidos mais seis — *A Morte do Boi, Vaquejada e Jaramantãia*, de Paulo Gil Soares; *Padre Cicero e A Cantoria*, de Geraldo Sarno e *Beste*, de Sérgio Muniz — que assim dão continuidade ao grande painel documental sobre a realidade brasileira. Depois do Nordeste, Farkas pretende fazer o levantamento da região Sul e do eixo Rio—São Paulo, estabelecendo contatos para exibições em televisões e universidades. É o próprio Farkas quem fala de sua experiência passada e das realizações futuras



Visão de Juazeiro, de Eduardo Escorel

"Nasci numa família onde a fotografia e a ótica sempre foram o ganha-pão. Meu avô era comerciante de óculos na Hungria. Meu tio montou uma loja especializada em Budapeste. Meu pai montou outra em São Paulo. Desde cedo frequentava a loja e ia mexendo em todos os aparelhos de fotografia e cinema. A loja fornecia (como ainda hoje) o substrato econômico-filmico, e eu procurava o material para filmagem. Primeiro eram as aventuras da garotada, cinejornais das redondezas, tempo de escola, sempre de máquina na mão.

Na escola eu me interessava muito pelos documentaristas. Rotha, a escola inglesa, filmes educativos, de ensino. Com o tempo previ na loja um departamento de ensino, formando a primeira filmoteca baseada nos filmes da Enciclopédia Britânica e da Coronet Filmes. Eles mandavam material para a Universidade de São Paulo onde eram traduzidos. Eram filmes sobre Astronomia, Geologia, Física, etc. Nada de Brasil. Daí pensei em investigar o interesse dos professores em matéria nacional, e nasceu a pesquisa da *Condição Brasileira*.

A primeira tentativa foram os filmes posteriormente reunidos em *Brasil Verdade: Viagem*, de Geraldo Sarno, *Memória de Canção*, de Paulo Gil Soares, *Subterrâneos de Futebol*, de Maurice Capovilla, e *Nossa Escola de Samba*, de Manuel Gimenez. Tentava uma série que fosse compatível com as nossas televisões e que tivesse um bom valor de pesquisa nacional.

Dificuldades da época: não havia nenhuma base técnica para o trabalho em 16 preto e branco, já que não se pensava em cóp. Os laboratórios relacionavam 16 com amador e a televisão não tinha dado ainda aos laboratórios a experiência de hoje em dublagem, qualidade, revelação e cópia.

Não conseguimos infelizmente mostrar os filmes na televisão. Nas universidades foram exibidos como tema de trabalho e discussão. O que mostra portanto que correspondiam exatamente ao público a que foram destinados. Mas infelizmente os resultados financeiros foram péssimos.

O novo plano visa a apresentar os filmes (os 17 novos filmes mais os antigos) dentro de um programa de ensino sobre o Brasil. Estou colocando vendedor de escola em escola, vendo a prazo, procuro fazer todo o possível para vender os filmes. Conseguindo isto o

resto será fácil. Vamos passar a outra região e procurar novamente levantar o máximo de informações. A próxima será o Sul, ou mesmo por aqui, São Paulo e Rio, a área industrial.

Desta maneira a gente poderá ter daqui a alguns anos um panorama brasileiro completo, uma comparação horizontal ou vertical das atividades do homem. Assim como já temos o vaqueiro da Paraíba, teremos também o gaúcho e o mato-grossense, ora sozinhos, ora comparados entre si — o sistema de produção permite a remontagem ou o reaproveitamento do material em outra ordem. Por isto mesmo estou trabalhando no arquivo dos filmes, em índices de entrada múltipla por assunto, região etc. Vai levar algum tempo. A intenção é todavia escolar, cultural e obedece a um plano genérico estabelecido há tempos por Candido Procópio e outros da USP.

Acredito ainda que os filmes terão importância crescente, não só pelo seu valor histórico no tempo, como também pelos aspectos de nossa cultura e de nossa origem que vão sendo escamoteados, modificados e revolidos pelo assim chamado progresso.

O nosso trabalho de equipe não difere em princípio da maneira de trabalhar dos outros documentaristas. O que existe é uma certa dose de preparação e de preconceitualização do material a ser levantado. Partimos sempre de um trabalho básico de pesquisa da realidade nacional. Daí decidimos por questões de época, oportunidade, e diretor, qual a região ou a viagem a ser explorada. Preparamos um roteiro geográfico do que poderemos encontrar e o que deveremos procurar na região escolhida. A região é previamente percorrida para escolher estes elementos e fazer contatos pessoais.

No momento da filmagem o diretor confirmará ou modificará o trabalho de acordo com a confirmação ou não dos dados pesquisados. Procura novos elementos ou dados que não constem do primeiro levantamento. Nos filmes que fazemos a função de um diretor é muito mais ampla do que a idéia que a palavra pode apresentar. É criar, mostrar, ensinar, comparar, descobrir. Muito mais um trabalho de pesquisa, sobre o qual tem que estar assentado um trabalho criativo. Veja neste sentido a tentativa de Geraldo Sarno em *Viva Cariri*.

O que me empolga é o documentário para televisão, evidentemente grandes restrições ao acúmulo de coisas que são muito aborrecidas de ver. A estrutura dramática, creio que não que aprender com os outros. Acho que o caminho de Geraldo absoluta certo, na forma como entra no assunto, motivações, o porquê da coisa. Mas a necessidade de entrevistar muita coisa são ditas não pelas pessoas, construção dramática do filme. Isto muito mais de seguir o visual do que o falado numa entrevista. A escolha do tema pela sua natureza e essência, aquilo que se fala dêle. A diferença básica, e leva de novo o espectador com a dramaticidade do filme de-vista filmico.

Documentário brasileiro: a coisa é trágica. Fazer material semelhante para televisão não dá, por uma questão de custo. A estrutura da televisão é impossível baratear o custo do material chegar ao que eles querem pagar. Mas, sim, tento. Evidente que o material público está disposto a aceitar (e a veicular) não é muito do estilo que estamos fazendo. Mas creio que o trabalho poderá ser adaptado. A coisa mais importante em matéria de ciência e não gostaria de deixar de usar a experiência. Por outro lado o cinema firmando numa direção totalmente diferente em matéria de conteúdo e a televisão tentem as duas direções, diferentes que convém aceitar.

No cinema o que aconteceu com a distribuição e exibição dos filmes por preços reduzidos. Isso permitiu filmes feitos de qualquer maneira bem barata para poder vender. Isto evidentemente limita a possibilidade do documentário.

No documentário, o que acho que é a penetração dentro da coisa que dentro de uma apresentação para fugir ao educativo rotineiro. Isso é dito em filmes documentários e apenas o estético e o superficial. Isso é o motivo interno, impulsão do fato."